

II Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação

20 a 23 de novembro de 2018 - Naviraí - MS



A INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL: uma revisão sistemática

Bárbara Johann Borges,
Universidade Estadual de Maringá,
barbarajohannb@gmail.com

Fabiane Cortez Verdu,
Universidade Estadual de Maringá,
fabiane.verdu@gmail.com

Weber Henrique Radael,
Universidade Estadual de Maringá,
wradael@hotmail.com

Deisy Cristina Correa Igarashi,
Universidade Estadual de Maringá,
deisyigarashi@gmail.com

Flávia Mayara Segate,
Universidade Estadual de Maringá,
flaviasegate@gmail.com

RESUMO

A internacionalização da educação superior tem se tornado cada vez mais um tema em discussão nos fóruns internacionais, principalmente nos últimos anos no Brasil. Diante disto, o presente artigo tem como objetivo analisar a produção científica de estudos sobre internacionalização da educação superior no Brasil. Como fonte de pesquisa, utilizou-se a base de dados da Scientific Electronic Library Online (Scielo) para a busca de artigos publicados sobre o tema, localizados no período de 2010 a 2017, tais artigos foram analisados por meio de uma revisão sistemática. Os resultados desta revisão sistemática demonstram que 92% dos artigos analisados tem uma abordagem de pesquisa qualitativa, sendo os métodos de coleta de dados mais recorrentes a pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, entrevistas e estudo de caso. De forma geral, chegou-se à conclusão que a internacionalização da educação superior no Brasil se mostra um campo de significativa relevância acadêmica, tanto para as universidades, quanto para a sociedade em geral, devido ao atual contexto de globalização e do ponto de vista científico é um campo fértil e que possui necessidade de pesquisas empíricas a fim de investigar questões latentes ao tema.

Palavras chave: Internacionalização; Ensino Superior; Educação Superior.

1 INTRODUÇÃO

A internacionalização da educação é estudada desde a década de 70, porém os estudos, até então, só utilizavam o primeiro termo desta temática (DAL-SOTO, ALVES, SOUZA, 2016). Somente no ano de 1990 é que os estudos passam a desenvolver efetivamente a noção de ‘internacionalização da educação’, atribuindo ao termo a educação internacional através da descrição de caminhos pelos quais a dimensão internacional toma forma na educação superior (DAL-SOTO, ALVES, SOUZA, 2016). Os autores destacam também a ocorrência de uma alteração no reflexo da importância da transferência gradual de conhecimento e atividades internacionais da educação superior (DAL-SOTO, ALVES, SOUZA, 2016).

No que diz respeito ao contexto histórico, países desenvolvidos (ou do Norte) são considerados os produtores de conhecimento, já os países em desenvolvimento, ocupam a posição de meros consumidores desse conhecimento (CELANO, GUEDES, 2014). Tal circunstância pode ser percebida na prática adotada pelas Instituições de Ensino Superior (IES), havendo de um lado a tradição das instituições europeias e americanas na mobilidade acadêmica internacional e do outro, países emergentes despertando para os benefícios da internacionalização das atividades de ensino e pesquisa para o desenvolvimento nacional (DAL-SOTO, ALVES E SOUZA, 2016).

Em relação às razões de uma IES conduzir o processo de internacionalização, De Wit (2002) e Knight (1997) apontam: razões políticas; razões econômicas; razões socioculturais e razões acadêmicas. Desta forma, observa-se que a abordagem acadêmica da internacionalização se divide entre avanços na formação de força de trabalho competitiva e a dimensão humana (RAUEN, FIGUEIREDO FILHO, 2016). Com raciocínio consoante, Veiga (2012, p. 8) afirma que a internacionalização pode ser interpretada e utilizada de diferentes formas em cada país.

Nesse sentido, Oliveira e Freitas (2016) ao tratarem das diretrizes da IES, afirmam que estas ganharam centralidade principalmente nos países latino americanos. Dessa forma, são várias as possibilidades de desenvolver cooperação entre as universidades envolvendo a questão da internacionalização da educação superior, tais quais a colaboração científica, tecnológica ou cultural; formação de equipes conjuntas de pesquisa; formação de diplomas compartilhados; acolhimento mútuo de alunos na graduação bem como na pós-graduação; e adoção da mobilidade de docentes. Por conseguinte, esse processo indica que a

internacionalização de uma IES envolve não apenas um conjunto de políticas, mas também estratégias, ações e atores (OLIVEIRA, FREITAS, 2016).

Luce, Fagundes e Mediel (2016) discorrem que no Brasil, as perspectivas mais utilizadas sobre a internacionalização é a mobilidade de estudantes, professores e pesquisadores e, em escalas menores, a promoção de equipes de cooperação. Contudo, Robson (2017) argumenta que para as IES serem verdadeiramente ‘internacionais’, elas precisam começar a internacionalização ‘em casa’, isto é, no próprio campus da IES. Entende-se internacionalização ‘em casa’ como o conjunto de atividades acadêmicas voltadas a oportunidades internacionais, sem a necessidade efetiva da mobilidade de docentes ou discentes nacionais para o estrangeiro (CROWTHER et al., 2009; IAU, 2007), tais atividades podem ser disciplinas ministradas em língua estrangeira; cursos de idiomas oferecido no campus da IES; artigos submetidos para revistas internacionais; interação entre docentes e discentes locais e estrangeiros; disciplinas focadas em aspectos estrangeiros, entre outros.

A partir das reflexões dos autores relacionados a temática em questão, o objetivo deste artigo é analisar a produção científica de estudos sobre a internacionalização da educação superior no Brasil. Como fonte de pesquisa, utilizou-se a base de dados da Scielo para a busca de artigos publicados sobre o tema, no período de 2010 a 2017, tais artigos foram analisados por meio de uma revisão sistemática.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Compreende-se como internacionalização da educação superior “o processo no qual se integra uma dimensão internacional e intercultural ao ensino, à pesquisa e aos serviços de uma instituição” (KNIGHT, 1993, p. 7). Em estudos posteriores, a autora aperfeiçoa a definição de internacionalização do ensino superior da seguinte forma: “Internacionalização em nível nacional, setorial e institucional é definida como o processo no qual se integra uma dimensão internacional, intercultural ou global nos propósitos, funções e oferta de educação pós-secundária” (KNIGHT, 2003, p. 2).

Altbach e Knight (2007) apresentam a internacionalização no campo da educação superior como um conjunto de políticas e práticas desenvolvidas pelas instituições, sistemas acadêmicos e indivíduos para representar o ambiente acadêmico global. Deste modo, é possível a consolidação de ações que atendam às demandas educativas de um mundo globalizado (ALTBACH, KNIGHT, 2007). Neste sentido, é reforçada a relação entre

globalização e internacionalização, pois a internacionalização está transformando o mundo da educação superior e a globalização está transformando o mundo da internacionalização (KNIGHT, 2004).

Morosini (2006) afirma que a internacionalização da educação superior é a marca das relações entre as diferentes universidades e encontra-se no cerne do ente universitário legitimando a circularização de conhecimento. Além disso, como as características da educação estão intimamente imbricadas com o processo de globalização, a internacionalização se intensificou a partir dos anos 90 quando este processo tornou-se mais evidente, estendendo-se da prática da pesquisa para o ensino superior como um todo.

Conforme Bartell (2003) a internacionalização consiste em trocas internacionais relacionadas à educação e a Globalização se apresentando em diversas formas como, por exemplo, pela presença de estrangeiros e estudantes num determinado campus, número de concessões de pesquisa internacional, projetos de pesquisa internacionais, associações internacionais, cooperação internacional e colaboração entre escolas, grau de imersão internacional no currículo, entre outros.

Para Lima e Maranhão (2009) a internacionalização ocorre por meio de internacionalização ativa e passiva, a primeira diz respeito às políticas de receber alunos em mobilidade e oferecer serviços no exterior, assim como instalar campus em outros países; a segunda está relacionada a políticas de envio de alunos para outros países, com a finalidade de oferecer serviços educativos para países no qual faltam recursos materiais e humanos.

Stallivier (2002) afirma que a internacionalização não ocorre isoladamente, mas que este processo pressupõe a cooperação de várias formas como: científica, tecnológica e acadêmica; e também em diferentes níveis, horizontal e vertical, especialmente direcionadas para o âmbito da cooperação interinstitucional. A autora considera que as diferentes formas de cooperação “tem sido o gatilho para a melhoria da qualidade do ensino e da pesquisa que, unidos, criam as condições para o desenvolvimento dos países e o incremento da qualidade de vida das populações” (STALLIVIER, 2002, p. 4).

Segundo Knight (2010, p.1) a internacionalização do ensino superior pode ser interpretadas de diferentes formas:

[...] para alguns, significa uma série de atividades, tais como: a mobilidade acadêmica de estudantes e de professores, redes internacionais, associações e projetos, novos programas acadêmicos e iniciativas de investigação. Para outros, significa a transmissão da educação a outros países através das novas

disposições, como sucursais ou franquias de universidades, usando uma variedade de técnicas presenciais e à distância. Para muitos, significa a inclusão de uma dimensão internacional, intercultural e/ou global dentro do currículo e o processo de ensino-aprendizagem. E, outros, concebem a internacionalização como centros regionais de educação, hot spots, redes de conhecimento. Os projetos de desenvolvimento internacionais são percebidos tradicionalmente como parte da internacionalização e, mais recentemente, o aumento na ênfase no comércio da educação superior também está sendo visto como internacionalização.

Luce, Fagundes e Mediel (2016) afirmam que a internacionalização pode ser considerada como um recurso ao qual visa impulsionar o sistema educacional e as instituições de nível superior visando responder as necessidades da globalização. Neste sentido, para países em desenvolvimento, como o Brasil, o investimento na internacionalização do ensino superior é essencial para sua inserção no mundo globalizado, principalmente em questões voltadas para a soberania (LUCE, FAGUNDES, MEDIEL, 2016).

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa vale-se do método de revisão sistemática proposto por Denyer e Tranfield (2009) para conduzir a natureza teórica do estudo, utilizando-se da abordagem qualitativa. As revisões sistemáticas sintetizam evidências disponíveis na literatura e auxiliam pesquisadores no cotidiano das pesquisas, pois permitem incorporar um espectro abrangente de resultados relevantes da pesquisa, não limitando as conclusões (SAMPAIO, MANCINI, 2007). Para tanto, é necessário que os pesquisadores que estão executando tal técnica avaliem a qualidade dos artigos selecionados de forma independente e elaborem um protocolo que defina os seguintes passos: “como os estudos serão encontrados, critérios de inclusão e exclusão dos artigos, definição dos desfechos de interesse, verificação da acurácia dos resultados, determinação da qualidade dos estudos e análise da estatística utilizada” (SAMPAIO, MANCINI, 2007, p. 85).

Desta forma, a análise deste artigo, utilizando-se da técnica da revisão sistemática de Denyer e Tranfield (2009) seguiu os seguintes passos: Foco e formulação das perguntas; Localização dos estudos; Seleção e avaliação dos estudos; Análise e Síntese; Elaboração e utilização dos resultados (DENYER, TRANFIELD, 2009).

No que se refere a operacionalização da revisão sistemática, o primeiro passo supracitado teve como objetivo conhecer estudos que utilizaram a abordagem da

internacionalização com foco em ensino superior, a partir do seguinte questionamento: como a produção científica trata o tema ‘internacionalização da educação superior’ no Brasil? No passo seguinte, foi realizada uma pesquisa junto a plataforma SciELO, a partir dos termos de busca ‘Internacionalização’, ‘Ensino Superior’ e ‘Educação Superior’ e foram identificados 51 artigos.

O terceiro passo acarretou na seleção dos textos a partir dos filtros: coleções (Brasil); idioma (português); tipo de literatura (artigo) e ano de publicação (2010 a 2017); Tais restrições ocasionaram a exclusão de 21 artigos. Neste passo, também foi realizada leitura dos resumos e introduções dos artigos, o que levou a exclusão de mais 4 textos por estarem fora do tema da pesquisa. Para garantir a qualidade dos textos pesquisados, só foram selecionados periódicos com indexador Qualis da Capes, divulgado em 2017.

Quanto ao quarto passo, os artigos selecionados foram os publicados entre 2010 e 2017. Os autores mais recorrentes nas publicações foram Morosini (3 artigos), Leite (2 artigos) e Miura (2 artigos). Em relação aos termos de pesquisadas publicações analisadas, todas mencionavam os termos ‘Internacionalização’ e ‘Educação Superior’, e, em 12 artigos também foi encontrado o termo ‘Ensino Superior’. Com relação a abordagem 92% são qualitativo. Os métodos de coleta de dados, mais recorrentes foram, 34% pesquisa bibliográfica, 17% pesquisa documental, seguido por 13% de entrevistas e 13% estudo de caso.

4 RESULTADOS

Nesta seção serão apresentados os 26 artigos (autoria, objetivo do estudo e resultados) selecionados como objeto de estudo a partir da extração de informações, tais quais, coleta, análise e apresentação dos dados.

Dal-Soto, Alves e Souza (2016) analisaram a produção científica sobre internacionalização da educação superior, fazendo uso da base de dados ISI *Web of Science/Knowledge* como fonte de pesquisa; selecionaram os artigos publicados sobre o assunto no período de 2004 a 2013 e analisaram os artigos por meio de revisão sistemática. Os autores chegaram à conclusão de que, a análise dos artigos mais citados no período, apontou um relativo equilíbrio entre trabalhos teóricos e teórico-empíricos, com predomínio do uso da abordagem qualitativa e do método de estudo de caso nos artigos teórico-empíricos. Em relação a Instituições de Ensino Superior os movimentos realizados com base na qualidade,

segundo Dal Soto, Alves e Souza (2016), orientaram para o desenvolvimento de uma cultura de internacionalização no meio acadêmico, com reflexos na sociedade em geral. Além disso, os autores destacaram a baixa concentração de publicações acerca do tema em análise.

O artigo de Ferreira e Lousada (2016), em consonância ao mencionado acima, teve como objetivo expor o projeto empreendido pelo Laboratório de Letramento Acadêmico da Universidade de São Paulo, o qual visa atender a uma demanda que decorre da internacionalização: a socialização por meio da escrita acadêmica em inglês, francês e português, não somente para fins de leitura e assimilação de conteúdo, mas sobretudo para a publicação nessas línguas.

Silveira (2016) buscou apreender as modificações na educação superior brasileira por meio de duas mediações principais, tais quais, o Estado brasileiro e o Setor Educacional do Mercado Comum do Sul (SEM). O autor apontou que a integração da educação, por mediação do MERCOSUL Educacional, avança de forma gradual e contínua; além disso, segundo o mesmo, a avaliação junto à mobilidade estudantil e de pessoal qualificado tornou-se vetor direcionador da reforma educativa em nível nacional, e são executadas por meio de programas como o MARCA, o PASSEM, o PMM e o processo de credenciamento do sistema ARCU-SUL.

Luce, Fagundes e Mediel (2016) realizaram um estudo a fim de conhecer a satisfação de alunos que estão em mobilidade na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e como as ações desenvolvidas por essa universidade promovem a qualidade das mobilidades incoming e sua dimensão intercultural. As autoras, como conclusão, perceberam que as ações institucionais responsáveis em promover a qualidade da mobilidade incoming, infelizmente são consideradas frágeis e incipientes.

Outro estudo selecionado foi o de Rauen e Figueiredo Filho (2016) que consideraram uma abordagem construtivista na internacionalização do Curso de Engenharia Florestal da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO) apoiados pelas agências governamentais CAPES e DAAD (Alemanha). Os autores revisaram possíveis indicadores relacionados a educação internacional e problematizaram abordagens identificadas em programas de fomento, destacando a positivista e a construtivista; posteriormente aplicaram o referencial ao caso de internacionalização na UNICENTRO.

A conclusão da pesquisa de Rauen e Figueiredo Filho (2016) apontou que o maior impacto da educação internacional está nas performances interculturais que ela pode gerar, sobretudo para a construção de redes de cooperação; os autores afirmam que os aspectos do

aprendizado decorrente de estudos no exterior e o desenvolvimento dos estudantes estão relacionados não só com objetivos de projetos pedagógicos e curriculares, mas também com processos de revisão internos e externos, cuja implementação é lenta e requer instrumentos de avaliação adequados para a diversidade social no Brasil. Por fim, discorrem que no processo de internacionalização da educação superior no Brasil as abordagens positivista, relativista e construtivista causam impactos nas políticas dos programas e nos resultados da mobilidade discente e docente.

Oliveira e Freitas (2016) analisaram as motivações de alunos e professores universitários para a realização da mobilidade acadêmica internacional. A pesquisa empírica foi conduzida com 30 estudantes (brasileiros e estrangeiros) e com professores (brasileiros) que optaram pela mobilidade internacional como parte da sua formação acadêmica. De forma geral, os resultados mostraram motivações pessoais, acadêmicas e profissionais em todos os grupos entrevistados. Nos alunos brasileiros os fatores pessoais foram predominantes; o autor aponta que esse resultado pode estar vinculado com a idade e ao estágio de formação em que estavam vivenciando; á entre os alunos estrangeiros e professores, o que prevaleceu foram as motivações acadêmicas e profissionais.

Em Archanjo (2016) o objetivo do trabalho foi abordar a mobilidade acadêmica como instrumento de desenvolvimento e produção de conhecimento técnico, científico e de inovação no Brasil, realizados por meio de programas públicos de fomento à internacionalização, tais quais, ‘Ciência sem Fronteiras’ e ‘Idiomas sem Fronteiras’. Desta forma, a pesquisa problematizou as propostas e os objetivos da política linguística e das metas de internacionalização para o ensino superior, referentes à produção de conhecimento científico no Brasil. Como resultado a autora apontou uma necessidade de avaliação constante das ações empreendidas na formação dos estudantes e também uma primordialidade de competência linguística dos participantes dos programas, bem como o realinhamento dos objetivos e metas à realidade do ensino universitário.

O artigo de Schwartzman (2015) analisa a expansão do ensino superior nos países chamados BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China, e África do Sul). O autor discorre sobre as questões voltadas para internacionalização, afirmando que essas estão presentes nos debates sobre o ensino superior nos BRICS, porém com resultados ainda não muito notáveis. Segundo o autor, apesar dos esforços exercidos pelos países, nenhum conseguiu elevar suas principais instituições às primeiras posições nos rankings internacionais, embora a China possa estar caminhando mais fortemente nessa direção.

Freitas (2015) apresenta os possíveis mecanismos que podem ser usados em um processo de criação de parcerias internacionais; Como resultado a autora aponta que é necessário desenvolver vários aspectos para alcançar a internacionalização como: conhecer os grandes eixos da internacionalização; ter visão internacional; promover estratégia para a internacionalização; saber das características de um centro institucional de internacionalização; e conhecer as vantagens institucionais dessa ação. Por fim, afirma que a internacionalização é imprescindível para a pós-graduação brasileira, pois contribui com o aumento da vitalidade e capacidade de inovação e nos tempos atuais, é impossível imaginar ciência sem internacionalização.

Morosini et al. (2016) sintetiza algumas reflexões sobre a qualidade da educação superior aos temas de internacionalização, gestão, ensino de graduação, inovação, formação e desenvolvimento profissional docente, realizadas no Projeto Observatório da Educação Superior, desenvolvido pela Rede Sulbrasileira de Investigadores de Educação Superior RIES/CAPES/INEP. Na pesquisa elaboraram-se indicadores visando o auxílio na percepção sobre qualidade. Os autores afirmam que a internacionalização está no cerne do ente universitário e pode ser considerada fator de legitimação da circulação do conhecimento e da formação de recursos humanos. Asseguram que “A proposição de indicadores que avaliem a relação entre internacionalização universitária e qualidade não é clara e torna-se mais complexa com a expansão flexível e acelerada das negociações econômicas transnacionais para considerar a educação superior como serviço” (MOROSINI et al, 2016, p. 7).

Em Morosini (2014) é apresentada uma reflexão sobre o conceito de qualidade da educação superior neste século, considerando como base para essa compreensão a noção de contextos emergentes. A autora retoma diferentes concepções de qualidade da educação superior e identifica uma consolidação da noção que é confirmada pelo processo de internacionalização transnacional. Além disso, afirma a emergência de uma noção mais substantiva e defensável da equidade na qualidade da educação superior. O artigo é concluído levantando a complexidade da temática e reforçando a relação entre contexto emergente e qualidade da educação superior os quais se encontram em momento de transição e tensionados pela relação local-global.

Araújo e Silva (2015) discutem a diversidade de sentidos atribuídos à internacionalização na investigação e no ensino superior. Como resultados os autores apontam que os quadros teóricos que veiculam diversas formas de entendimento e de mensuração da internacionalização, são unânimes em um ponto: a forma como apresentam a necessidade da

internacionalização em solicitar um dimensionamento estratégico das universidades e dos centros de investigação, ao mesmo tempo que se alinha às suas metas e missões; Outro ponto em destaque pelos autores é que a internacionalização é considerada um eixo necessário no desenvolvimento da carreira de um pesquisador.

Bianchetti e Magalhães (2015) analisaram antecedentes da Declaração de Bolonha (DB) e o envolvimento dos reitores no processo de internacionalização, perceberam que os reitores assumiram papel de protagonista frente às exigências da União Europeia às universidades, e tornaram-se executores de um processo heterônomo na criação da Área Europeia de Ensino Superior. Os autores discorrem que focalizar esses aspectos ajuda a compreender o que está se passando com as universidades e que as universidades brasileiras poderiam tirar desse fato muitas lições.

Cunha-Melo (2015) realiza uma revisão dos conceitos e ações que objetivam analisar os efeitos causados pela internacionalização da ciência e da educação, com ênfase na área médica e seu embasamento nas políticas de desenvolvimento adotadas pelas nações. Explora também o potencial para cooperação internacional interdisciplinar de cada laboratório, departamento, universidade ou instituto. Como resultado, o autor assegura que é consenso a internacionalização da ciência como desejável e necessário para o desenvolvimento de países. Tal atitude não deve apenas ser feita por incentivos a ida de estudos e pesquisadores ao exterior, mas sim oferecer condições à pesquisadores e estudantes estrangeiros para que possam contribuir com os brasileiros e elevar o país aos padrões científicos internacionais.

Veiga (2014) considera em sua pesquisa a especificidades da internacionalização da investigação e do ensino em Psicologia e Educação, centradas, sobretudo, na relação Brasil-Portugal. O autor constatou a falta de estudos empíricos e apontou como maior erro da educação e da ciência o apoio ao “mais potente” na guerra e na fome. Como conclusão, aponta que é necessário humanizar e internacionalizar a ciência, levando-a aos cidadãos, qualquer que seja o país onde se encontrem; O autor defende com veemência a educação para todos.

Em Carvalho (2013) é mapeado o fenômeno denominado como mercantilização da educação superior brasileira, dado pelo crescimento das Instituições de Educação Superior (IES) lucrativas e adoção de diversas estratégias de mercado na direção da financeirização, oligopolização e internacionalização. Para a autora, o caráter mercantil do ensino superior tornou-se central tanto na interferência política no processo decisório — através de lobbys e bancadas no Congresso Nacional financiadas por grupos com grandes recursos econômicos —

quanto nas dificuldades “enfrentadas pelo poder público em neutralizar o avanço do movimento de concentração e internacionalização do capital no setor, inerente às atividades econômicas mais pujantes sob o domínio do capitalismo globalizado e oligopolista” (CARVALHO, 2013, p. 773).

Santos, Nascimento e Buarque (2013) contextualizaram o papel da universidade na sociedade do conhecimento, com vistas a apresentar sugestões que contribuam para a sustentabilidade das instituições de educação superior no Brasil. Os autores percorrem as reformas universitárias mais influentes do último século e encontram que os aspectos como a abrangência, a qualidade, a inovação e a internacionalização são relacionados entre si e são chave obrigatória de reflexão e objeto de reforma que igualmente devem contemplar o alargamento da autonomia administrativa e financeira, assim como a adoção de formas de governo mais responsabilizantes.

Leite e Genro (2012) apresentam os temas da avaliação, acreditação e internacionalização das instituições de educação superior de América Latina e Caribe. No artigo discute-se sobre os cânones da globalização e da mercadorização da educação superior, contextos nos quais se estabelecem as políticas de avaliação. Também apresentam hipóteses sobre a existência do novo imperialismo e evidências dessa existência. Por fim, as autoras concluem que as políticas de avaliação e acreditação dos distintos países estão afetadas pela agenda internacional.

Em Duarte (2012) discute-se sobre o papel das redes de relacionamentos no processo de internacionalização da pós-graduação. O autor realiza um estudo comparativo de casos das universidades confessionais PUC-RS e PUC-SP e apresenta como resultado que em ambos os casos as políticas de internacionalização são formuladas para as IES como um todo, não contemplando as especificidades da graduação e da pós-graduação. Além disso as redes de relacionamento dos docentes podem ter um papel relevante no processo de internacionalização de IES, sobretudo no nível da pós-graduação.

Nos estudos de Lima e Maranhão (2011) buscou-se revelar os interesses privados envolvidos no sistema de internacionalização vigente através da leitura crítica de relatórios e artigos, argumentando a importância das funções políticas e crítica da educação superior. As autoras colocam que a internacionalização tem construído novas configurações para o ensino superior e que a sua contribuição é visível, principalmente no que tange aos seus participantes os quais ampliam suas atuações profissionais, desenvolvem redes de relacionamentos e aprendem uma cultura diferente. Como ponto negativo, apontam que tais experiências

internacionais tendem infelizmente a padronizar currículos, culturas e consciências.

Morosini (2011) analisa a cooperação internacional no nível superior de educação; Suas análises confirmam a presença do modelo periférico de internacionalização nas IES, mesmo com a crescente internacionalização na pesquisa e na pós-graduação no Brasil, também apontam a convivência de dois modelos de cooperação internacional: a predominância do modelo de Cooperação Internacional Tradicional (CIT) — o qual fundamenta-se na competitividade e na ocupação de espaço no mercado globalizado— e do modelo de Cooperação Internacional Horizontal (CIH) — baseando na consciências internacional e no fortalecimento da capacidade científica endógena dos parceiros mais fragilizados.

Mückenberger et al. (2013) verificam a aplicabilidade do gerenciamento de processos de negócio (BPM) na gestão de um dos processos mais fundamentais no processo de internacionalização de IESs: o processo de realização de convênios bilaterais entre uma universidade pública brasileira e universidades estrangeiras. Os autores observaram que existem questões burocráticas da IES que interferem tanto na agilidade do processo de realização de convênio, quanto limitam a aplicabilidade imediata das propostas de melhorias sugeridas. Outro aspecto relevante da pesquisa, diz respeito à aplicação inicial do BPM no processo de internacionalização de uma IES que permitiu uma melhor compreensão do processo, proporcionando a identificação de pontos críticos e propostas de melhorias.

O artigo Wielewicki e Oliveira (2010) tem como objetivo trazer elementos que ajudem na compreensão do Processo de Bolonha, analisando aspectos de sua implementação; estabelecendo vínculos entre suas características, objetivos e racionalidade à qual o Processo parece estar afiliado. Indicam também possíveis impactos para a educação superior brasileira. Os autores analisam que as universidades da Europa desejam estabelecer parcerias internacionais a fim de ampliarem o leque de opções para a educação superior. Por fim, deduzem que a pauta tende a apontar interesses voltados para a própria Europa. Desta forma, é necessária uma postura de discussão e negociação que tenha como base as noções de alteridade e diversidade, tendo a universidade como locus privilegiado de análise crítica, propositiva e, sobretudo, prospectiva.

O estudo de Miranda e Stallivieri (2017) é salientar a necessidade de ampliar a discussão sobre o processo de internacionalização do sistema de Ensino Superior brasileiro, a partir da conveniência para o país em elaborar uma política pública. Diante disto, o estudo detectou que o Brasil ainda precisa aprofundar o diálogo entre os atores envolvidos, promover

discussões específicas e elaborar suas próprias políticas, dado o número ainda insuficiente de documentos governamentais com essa finalidade.

A partir de um estudo de caso de uma Universidade Federal do sudeste do Brasil, Amorim e Finardi (2017) propõe uma reflexão sobre o processo de internacionalização das universidades brasileiras, com o objetivo de analisar aspectos micro, meso e macro da internacionalização dentro de três esferas concêntricas, sendo: a comunidade acadêmica, da instituição e do governo. Assim, os autores apresentam que os resultados da análise macro sugerem que a internacionalização afeta e é afetada pela globalização onde o inglês tem um papel diferenciado dos outros idiomas. A análise meso sugere que a instituição investigada almeja a internacionalização que ainda é insipiente e marcada por desafios. Já a análise micro sugere que a comunidade acadêmica está interessada no processo de internacionalização ainda que não esteja plenamente engajada. O estudo conclui que as línguas estrangeiras em geral e o inglês em particular são essenciais para o pleno desenvolvimento do processo de internacionalização.

Por fim, o artigo de Ramos (2017) faz um estudo empírico sobre a internacionalização da pós-graduação no Brasil, em que 322 coordenadores de programas de pós-graduação foram convidados a responder o questionário de pesquisa, com o intuito de oferecer um panorama da internacionalização segundo visão e prática dos programas de pós-graduação brasileiros reconhecidos como excelentes. Como resultado, em geral, os dados empíricos mostraram a prevalência de uma concepção de internacionalização orientada a atividades: a mobilidade internacional (para o exterior) é vista como o principal mecanismo para dinamizar atividades transfronteiriças de ensino, colaboração em pesquisa e construção de redes. E de fato, o Brasil tem enviado cada vez menos alunos para formação plena no exterior, particularmente em nível de doutorado. A formação em instituições nacionais, complementada por períodos de estudo/ pesquisa no exterior (como nas modalidades doutorado sanduíche e pós-doutorado no exterior), tornou-se o mecanismo preferencial de formação avançada (RAMOS, 2017).

5 CONCLUSÕES

Levando em consideração a intensificação da globalização no contexto mundial e que a internacionalização do ensino superior aumenta a qualidade das instituições e fomenta a troca de experiências e conhecimentos, o processo de internacionalização das universidades

ganhou papel de destaque nos últimos anos. Desta forma, a pesquisa levantou a abordagem da internacionalização da educação superior, com o objetivo de analisar a produção científica sobre a temática, a pesquisa limitou-se aos periódicos nacionais publicados junto a SciELO, dos anos de 2010 a 2017.

Em síntese, os resultados deste estudo mostram que a internacionalização da educação superior é uma área caracterizada por estudos concentrados nos anos de 2015 e 2016 e que vem despertando interesse pelos pesquisadores por meio do aumento do número de publicações sobre o tema. Devido à crescente no número de publicações, pode-se considerar como um tema emergente e com várias discussões e debates ainda não consolidados ou em aberto. A análise também revelou a preferência pelo uso da abordagem qualitativa e os métodos de coleta de dados mais recorrentes foram a pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, entrevistas e estudos de caso. A baixa concentração das publicações por autores indica a necessidade de avanços na produção científica da temática.

A partir do exposto pode-se concluir que a internacionalização do ensino superior não é tratada de modo pontual pela maior parte dos textos pesquisados, porém os autores corroboram no aspecto de que a internacionalização é fator fundamental nos dias atuais e que a internacionalização das instituições introduz a dimensão internacional na cultura, estratégias institucionais, na formação de docentes e discentes, pesquisa e extensão, e também no processo da oferta e capacidade da universidade.

Alguns autores defenderam a ideia de que a internacionalização da ciência é desejável e necessária para o desenvolvimento dos países e que as políticas adotadas na avaliação e acreditação da educação dos distintos países são afetadas pela agenda internacional. Outra questão perceptível nos estudos é o papel dos relacionamentos entre os docentes com universidades internacionais, que pode ser considerado de grande relevância no processo de internacionalização da IES. Como ponto negativo, alguns pesquisadores apontam que experiências internacionais tendem a padronizar currículos, culturas e consciências.

De forma geral, a internacionalização da educação superior se mostra um campo de significativa relevância acadêmica, tanto para as universidades, quanto para a sociedade em geral, devido ao atual contexto de globalização. Do ponto de vista científico pode ser considerada um campo fértil e que possui necessidade de pesquisas empíricas a fim de investigar questões latentes ao tema. Para trabalhos futuros recomenda-se estudar outras bases de dados, bem como abranger o contexto internacional para identificar se os resultados observados no contexto nacional se repetem.

REFERÊNCIAS

- ALTBACH, P.; KNIGHT, J. The Internationalization of Higher Education: Motivations and Realities. **Journal of Studies in International Education**, Los Angeles, n. 3/4, p. 290-305, 2007.
- AMORIM, G. B.; FINARDI, K. R. Internacionalização do ensino superior e línguas estrangeiras: evidências de um estudo de caso nos níveis micro, meso e macro. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 22, n. 03, p. 614-632, nov. 2017.
- ARAÚJO, E. R.; SILVA, S. Temos de fazer um cavalo de troia: elementos para compreender a internacionalização da investigação e do ensino superior. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 60, p. 77-98, 2015.
- ARCHANJO, R. Saberes sem Fronteiras: Políticas para as migrações Pós-modernas. **DELTA**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 515-541, 2016.
- BARTELL, M. Internationalization of universities: A university culture-based framework. **Higher Education Manitoba**, Winnipeg, 2003, p. 37-52.
- BIANCHETTI, L.; MAGALHÃES, A. M. Declaração de Bolonha e internacionalização da educação superior: protagonismo dos reitores e autonomia universitária em questão. **Avaliação (Campinas)**, Sorocaba, v. 20, n. 1, p. 225-249, 2015.
- CARVALHO, C. H. A. de. A mercantilização da educação superior brasileira e as estratégias de mercado das instituições lucrativas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 54, p. 761-776, 2013.
- CELANO, A. C.; GUEDES, A. L. Impactos da globalização no processo de internacionalização dos programas de educação em gestão. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 45-61, 2014.
- CROWTHER, P.; JORIS, M.; OTTEN, M.; NILSSON, B.; TEEKENS, H. & WÄCHTER, B. (Eds), **Internationalisation at home: a position paper**. European Association for International Education [EAIE] [Netherlands], Amsterdam. 2009.
- CUNHA-MELO, J. R. da. Effective Indicators for Science Internationalization. **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões**, Rio de Janeiro, v. 42, supl. 1, p. 20-25, 2015.
- DAL-SOTO, F.; ALVES, J. N.; SOUZA, Y. S. de. A Produção Científica Sobre Internacionalização da Educação Superior na Web of Science: Características Gerais e Metodológicas. **Educação em revista**, Belo Horizonte, v. 32, n. 4, p. 229-249, 2016.
- de WIT, Hans. **Internationalization of Higher Education in the United States of America and Europe: a historical, comparative, and conceptual analysis**. Greenwood Studies in Higher Education, 2002.

DENYER, D.; TRANFIELD, D. Producing a systematic review. In: BUCHANAN, D. A.; BRYMAN, A. (Ed.). **The SAGE handbook of organizational research methods**. Los Angeles; London: SAGE, 2009.

DUARTE, R. G.; CASTRO, J. M. de; CRUZ, A. L. A.; MIURA, I. K. O papel dos relacionamentos interpessoais na internacionalização de instituições de ensino superior. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 28, n. 1, p. 343-370, 2012.

FERREIRA, M. M.; LOUSADA, E. G. Ações do Laboratório de Letramento Acadêmico da Universidade de São Paulo: Promovendo a Escrita Acadêmica na Graduação e na Pós-graduação. **Ilha Desterro**, Florianópolis, v. 69, n. 3, p. 125-140, 2016.

FREITAS, D. de. Strategies in Search for International Partnerships. **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões**, Rio de Janeiro, v. 42, supl. 1, p. 81-82, 2015.

IAU. International Association of Universities. **Internationalization: concepts and definitions**. 2007. Disponível em:
<http://www.unesco.org/iau/internationalization/i_definitions.html>. Acesso em 27 de Setembro de 2018.

KNIGHT, J. Internationalization of higher education: a conceptual framework. In Jane Knight and Hans de Wit (Eds), **Internationalization of higher education in Asia Pacific Countries**. Amsterdam: European Association for International Education, 1997.

KNIGHT, J. Internationalization: management strategies and issues. **International Education Magazine**, v. 9, 1993.

KNIGHT, J. Updating the definition of internationalization. **International Higher Education**, Chestnut Hill, v. 33, n. 3, p. 2-3, 2003.

KNIGHT, J. Internationalization remodeled: definition, approaches, and rationales. **Journal of Studies in International Education**, v.8, n.1, spring 2004, p. 5-32.

KNIGHT, J. Internationalisation: Key concepts and Elements. In: EUROPEAN UNIVERSITY ASSOCIATION. **Internationalisation of European Higher Education**. Berlin: Raabe, 2010.

LEITE, D.; GENRO, M. E. H. Avaliação e internacionalização da educação superior: Quo vadis América Latina? **Avaliação**, Sorocaba, v. 17, n. 3, p. 763-785, 2012.

LIMA, M. C.; MARANHÃO, C. M. S. de A. Políticas curriculares da internacionalização do ensino superior: multiculturalismo ou semiformação? **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 72, p. 575-598, 2011.

LUCE, M. B.; FAGUNDES, C. V.; MEDIEL, O. G. Internacionalização da educação superior: a dimensão intercultural e o suporte institucional na avaliação da mobilidade acadêmica. **Avaliação (Campinas)**, Sorocaba, v. 21, n. 2, p. 317-340, 2016.

MIRANDA, J. A. A.; STALLIVIERI, L. Para uma política pública de internacionalização para o ensino superior no Brasil. **Revista Avaliação**, Campinas; Sorocaba, SP, v.22, n. 03, p. 589-613, nov. 2017.

MOROSINI, M. C. Estado do conhecimento sobre Internacionalização da Educação Superior: Conceitos e Práticas. **Educar**, Curitiba, PR, n 28, p. 107-124, 2006.

MOROSINI, M. C. Internacionalização na produção de conhecimento em IES Brasileiras: cooperação internacional tradicional e cooperação internacional horizontal. **Educação**, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 93-112, 2011.

MOROSINI, M. C. Qualidade da educação superior e contextos emergentes. **Avaliação**, Sorocaba, v. 19, n. 2, p. 385-405, 2014.

MOROSINI, M. C.; FERNANDES, C. M. B.; LEITE, D.; FRANCO, M. E. D. P.; CUNHA, M. I. da; ISAIA, S. M. A. A qualidade da educação superior e o complexo exercício de propor indicadores. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 64, p. 13-37, 2016.

MUCKENBERGER, E.; TOGASHI, G. B.; PÁDUA, S. I.D. de; MIURA, I. K. Gestão de processos aplicada à realização de convênios internacionais bilaterais em uma instituição de ensino superior pública brasileira. **Production**, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 637-651, 2013.

OLIVEIRA, A. L. de; FREITAS, M. E. de. Motivações para Mobilidade Acadêmica Internacional: A Visão de Alunos e Professores Universitários. **Educação em revista**, Belo Horizonte, v. 32, n. 3, p. 217-246, 2016.

RAMOS, M. Y. Internacionalização da pós-graduação no Brasil: lógica e mecanismos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 44, 2017.

RAUEN, M. G.; FILHO, A. F. A educação internacional e os resultados de cooperação Brasil-Alemanha na Unicentro. **Avaliação (Campinas)**, Sorocaba, v. 21, n. 3, p. 673-690, 2016.

ROBSON, S. Internationalization at home: internationalizing the university experience of staff and students. **Educação (Porto Alegre)**, v. 40, n. 3, p. 368-374, 2017.

SAMPAIO, R. F.; MANCINI, M. C. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Revista Brasileira de Fisioterapia**, São Carlos, v. 11, n. 1, jan./fev. 2007.

SANTOS, F. S.; NASCIMENTO, E. P. do; BUARQUE, C. Mudanças necessárias na universidade brasileira: autonomia, forma de governo e internacionalização. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 29, n. 1, p. 39-61, 2013.

SCHWARTZMAN, S. Demanda e Políticas Públicas para o Ensino Superior nos BRICS. **Caderno CRH**, Salvador, v. 28, n. 74, p. 267-290, 2015.

II Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação

20 a 23 de novembro de 2018 - Naviraí - MS



SILVEIRA, Zuleide. Setor educacional do MERCOSUL: convergência e integração regional da educação superior brasileira. **Avaliação (Campinas)**, Sorocaba, v. 21, n. 3, p. 901-927, 2016.

STALLIVIERI, L. O processo de internacionalização nas instituições de ensino superior. **Educação Brasileira**: revista do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, Brasília, v. 24, n. 48, p. 35-57, 2002.

VEIGA, F. H. Internacionalização da investigação e do ensino em Psicologia e Educação: demandas Portugal-Brasil. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 31, n. 2, p. 149-158, 2014.

WIELEWICKI, H. de G.; OLIVEIRA, M. R. Internacionalização da educação superior: processo de Bolonha. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 67, p. 215-234, 2010.